

1.

Introdução

Desde a Antiguidade Clássica, partindo do pensamento dos estóicos e epicuristas e chegando até ao dos pensadores cristãos, o tema das paixões, especificamente o do amor, seu equilíbrio, seu *pathos*, tem sido motivo de reflexão e teorização, tanto para os homens de épocas passadas como da nossa¹.

As emoções que, nos séculos XVI e XVII, eram chamadas *Paixões*, são temas constantes na literatura jesuítica, sendo documentadas na sua literatura moral, especialmente, na oratória sagrada. Nos sermões de Vieira encontramos várias referências às paixões. O saber do jesuíta acerca destas se fundamenta em uma longa tradição teológica, médica e filosófica, devidamente documentada e que, de uma forma ou de outra, se encontra nos tratados filosóficos dos mestres de Coimbra.

Escolhemos como objeto de estudo o tema do amor, que é apenas uma entre as demais paixões, não sendo a única na oratória de Vieira, que em seus sermões aborda ainda: o medo, a tristeza, o ódio, a melancolia.

A primeira dificuldade que encontramos na nossa pesquisa dizia respeito ao instrumental crítico necessário para tal abordagem, pois, como sabemos, estamos trabalhando com textos que se distanciam muito de nosso tempo. Estamos sempre sujeitos a olhar os homens e as idéias do passado à luz de nossos referenciais, o que é sempre um erro, ou, ao menos, uma incompletude.

O que nos interessava, porém, era conceituar paixão – mais especificamente, o amor – na oratória do Padre António Vieira, buscando-lhe as origens e influências sofridas, inserindo-a na extensa obra literária que lhe é contemporânea e no contexto político e social em que ficou imerso o pregador, representante máximo da oratória sacra seiscentista em língua portuguesa, e que, segundo a biografia que se apresentará, atuou no ambiente da corte portuguesa por muitos anos, como conselheiro real, às vezes como embaixador, cabendo-lhe o direito de opinar em questões de Estado durante o reinado de D. João IV.

Foi, pois, em uma só forma de paixão que nos propusemos concentrar o nosso interesse: o amor – o que vem a ser, qual a sua origem, como os jesuítas o pensavam.

¹ Segundo Raquel Assis (1988,p.3).

Voltaremos, porém, um pouco mais atrás, até às paixões em sua globalidade, lembrando que Inácio de Loyola traz em seu discurso a defesa da ordenação da paixão, seguindo a filosofia aristotélico-tomista: “Por serem desordenadas, pedem uma ordenação”, defende o fundador da Companhia em cujas cartas encontramos várias referências à moderação e ao controle de tais sentimentos, condenado todo exagero ou excesso. Na sua grande obra, os *Exercícios Espirituais*, Inácio ensina como o penitente deve controlar as suas paixões.

Para falar do amor, fomos até às origens, verificando que os gregos a consideram em três formas diferentes: Eros, Filia e Ágape, não esquecendo que a cultura em que Vieira foi educado tendeu a reuni-las sob uma única denominação: amor. Para uma melhor compreensão do nosso estudo, classificamos Eros como o amor humano, completo, corpo e alma; Filia, como a amizade recíproca; e Ágape, como o amor divino.

Buscar-se-á desenvolver a tese em duas grandes partes. O objetivo desta divisão é tentar esclarecer certos aspectos que acaso possam ficar obscuros ao leitor. A primeira parte trará o homem Vieira, da infância à velhice. Decidimos trabalhar com este aspecto, por reconhecer o pouco interesse que autores clássicos despertam hoje em dia, principalmente os de cunho religioso. Começamos por trazer uma pequena biografia baseada em alguns dos que mais fundamente estudaram o autor. Temos plena consciência de que há outras biografias do Padre António Vieira além das citadas, mas optamos pelas mais tradicionais acreditando serem as mais consultadas pelos estudiosos da matéria. Não utilizamos a biografia de Karl Vossler, por considerar que a noção de “realismo fantástico”, por ele usada é uma noção utilizada para caracterizar a literatura latino-americana contemporânea, principalmente a escrita em espanhol. Parece-me um tanto inadequada para Vieira.

A idéia de contextualizar Vieira pode parecer, em princípio, desconectada da questão do amor. Mas, se observarmos bem, está intrinsecamente interligada com ela. Para chegar ao tema do amor, idéia central desta tese, faz-se necessário percorrer o longo caminho de Vieira, pois acreditamos que tudo, em sua vida, contribuiu para a sua formação e conseqüentemente para a elaboração de seu pensamento, não só sobre as questões diversas que abordou, como sobre o amor. Por isso, focalizaremos o contexto político do século XVII tentando estabelecer um pequeno esboço das cortes em que viveu e agiu, de sua interação.

As relações de afeto estarão subentendidas na nossa leitura, pois em uma sociedade em que o *parecer* tinha mais valor do que o *ser*, os afetos e a “representação”

tinham uma forte influência no comportamento dos seus membros. Era uma sociedade regrada, os excessos eram condenados, a originalidade não era um valor. Afetar naturalidade era um requisito para se viver bem na corte portuguesa, surgindo nesse tempo manuais de como viver socialmente. A prática da murmuração era muito comum. O olhar também tinha uma forte influência, pois “mil olhos te olham”, dizia o ditado. Vivia-se em uma época em que a arte de olhar e de ser visto demarcava as posições sociais, exigindo de todos os cidadãos prudência e o artifício da produção de um comportamento, para que pudessem sobreviver ao inesperado. Nesta sociedade, o que contava era a aparência.

Outra questão que traremos à baila, será a do discreto, personagem importante no mundo ibérico do XVII, defendendo a idéia de que Vieira também foi um discreto. Talvez o nosso leitor venha a indagar o porquê da presença do discreto em uma tese sobre o amor. O “discreto”² é o tipo intelectual do século XVII e Loyola já dizia que a discrição é caritas, ou seja, o amor inspirado na graça. Calderón de La Barca diz que o discreto vê tudo da perspectiva dos fins últimos. É discreto quem sabe morrer ou está preparado para morrer. Só sabe morrer quem sabe o que é o verdadeiro amor, o de Deus. Neste sentido encontram-se as maiores finezas do amor no maior discreto de todos, que é Cristo. Por isto, também poderia dizer, sobre os sermões de Vieira, que neles ele evidencia sua discrição como forma de amor ao próximo, no próprio desempenho engenhoso da linguagem com que demonstra relações inesperadas entre conceitos distantes, relações que estavam ocultas e eram desconhecidas. A evidenciação aguda de relações inesperadas é uma forma de operar a Graça no mundo – o que é uma espécie de ágape caridoso, também caracterizada por outra paixão aristotelicamente superior, a amizade. Saavedra Fajardo diz que nas repúblicas a amizade é mais importante que a justiça, pois se todos fossem amigos a justiça não seria necessária”, termina Hansen. Podemos perceber que em sua atuação política, Vieira usa muito do jogo da simulação e da dissimulação, e podemos notar, na leitura de alguns sermões, que o Vieira discreto está presente, como por exemplo na questão do Valido.

Iremos abordar a confissão, muito cara aos jesuítas, que a tinham em alto conceito. Perceberemos que através dela se controlavam as paixões. O homem, sentindo necessidade de ter perdoadas as faltas cometidas, tomava o confessor como o seu intermediário; era justamente por querer controlar as suas paixões que ele se confessava.

² Hansen via e-mail 16/01/09

Deste controle das paixões fazemos uma ponte para o amor, uma das paixões que devia ser controlada.

Inácio de Loyola fundador da Companhia de Jesus teve grande influência sobre a obra de Vieira, inclusive no julgamento das paixões. Trouxemo-lo para a tese com o intuito de contextualizar onde e como se formou o pensamento de Vieira.

A Reforma e a Contra-Reforma foram dois movimentos de suma importância para a Igreja. Vieira era um padre da contra-reforma que seguia à risca o Concílio de Trento. Estes dois movimentos mudaram para sempre o pensamento e o lugar da Igreja no mundo, e, mesmo não tendo uma relação direta com o tema do amor, achamos pertinente citá-los como forma de mostrar o posicionamento da Igreja diante das mudanças ocorridas e como isto, de uma forma intensa, marcou o pensamento e a vida de Vieira.

Terminaremos a nossa primeira grande parte falando de dois assuntos bem pertinentes a Vieira : a formação dos pregadores e a retórica. Novamente o nosso leitor deve estar a indagar-se sobre qual seria a relação destes tópicos com o tema do amor. A resposta que trazemos é simples: para falar do amor, para pregar os sermões, em que este é abordado, foram necessários a Vieira uma sólida formação e também o estudo da retórica. Por isso, achamos pertinente falar destes temas.

Feita esta explanação, partiremos para a segunda parte, que tratará do amor propriamente dito. Nesta, abordaremos o seu tema: o amor e o dividiremos em três núcleos: o dos Sermões do Mandato, o dos pregados na Primeira Sexta-Feira da Quaresma, e, por último, o de Nossa Senhora do Ó.

Nos *Sermões do Mandato* não há uma concepção do homem como ser autônomo, já que a sua existência deve estar embasada no relacionamento amoroso entre o homem e Cristo, e no modelo de homem que Ele oferece. Nestes daremos ênfase ao conhecimento de si como principal fator para a felicidade do homem. Para Vieira, tal conhecimento significa o homem admitir a sua fragilidade e a sua dependência de Deus. Na análise destes sermões evidenciaremos vários aspectos que foram abordados e analisados: a fineza do amor e a correspondência amorosa; os remédios do amor; a definição de amor dada pelo orador; por fim, o conhecimento de si mesmo. Estabeleceremos relações entre a fonte primária, ou seja, o texto vieirino e o seu referencial teórico. Para tanto nos apoiaremos em pesquisadores como João Adolfo Hansen, Adma Fadul Muhana, Ana Lúcia Oliveira, Alcir Pécora, Marina Massimi, dentre outros.

Nestes sermões, Vieira pretende transmitir um saber que deve ser posto em prática pelos fiéis. Tendo a tradição aristotélico-tomista como referência principal, defende a educação como formação do homem virtuoso, destacando a importância atribuída ao amor-Ágape, como instrumento de ligação entre Deus e o homem – no sentido da escolha que, movido pelo amor, o Criador fez de sua criatura, promovendo a sua ascensão e ressaltando a amizade verdadeira, a *Filia*, a ligação intrínseca com o outro.

Segundo Hansen,³ para Vieira o amor humano facilmente degenera em volúpia, concupiscência, *vanitas*. O Cristianismo dá um novo conceito de amor, como diz São Paulo em Efésios, 3,18: “supera todo conhecimento”, e lembra o evangelista: Cristo traz um ensinamento novo, o amor “Como vos amei, amai-vos uns aos outros” (João 13).

Nos três *Sermões das Primeiras Sextas-Feiras da Quaresma* (1644, 1649, 1651) Vieira abordará o tema do amor aos inimigos, acentuando ser este o mais difícil de ser seguido. Para convencer os ouvintes, utiliza-se de processos argumentativos em que a agudeza e o engenho tomam parte, e, apoiando-se em figuras de linguagem, em imagens fortemente elaboradas, em uma retórica apuradíssima, atinge os seus fins.

O último sermão aqui tratado será o de Nossa Senhora do Ó, no qual surge a questão do desejo ou melhor, dos desejos da Virgem, que se iniciam na anunciação e acabam no parto. Vieira analisa estes desejos, que Ela experimenta grávida do Senhor, e os traduz em comoventes imagens que, seguindo por caminhos de uma criatividade prodigiosa, levam-no a atingir, em alguns momentos, alta densidade poética.

Percebemos que em seu discurso cada palavra pode ter múltiplas associações, algumas arbitrárias. O que não é arbitrário é o propósito que põe o pregador em convencer o ouvinte.

Vieira, enquanto pregava os seus sermões, adequava-os às circunstâncias em que estava inserido. Quando pregava o sermão do Mandato, no hospital de Lisboa, abordava o tema das doenças, quando na Capela Real, dirigia-se aos nobres. Esta é uma questão que faz parte da retórica inaciana e do jogo de dissimulação e simulação que serão tratados no primeiro núcleo, estando configuradas as relações entre o amor nos sermões e a retórica inaciana, a dissimulação, o discreto, a questão política do amor.

³ Através de correspondência eletrônica (E-mail – 16/01/09).

O orador não pensa estritamente no que diz (até porque em alguns sermões ele afirma coisas de que em outros duvidara), sendo sempre discreto e fiel aos interesses dos jesuítas.